

DE MEDEIA A JASÃO

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amosc@oi.com.br

INTRODUÇÃO

Eurípides (séc. V a. C.) e Sêneca o Filósofo (n. ano 4 a.C.), à parte a tragédia *Medeia* de Ovídio, cuja obra não chegou até nós, são os primeiros trágicos a se inspirarem no mito de Jasão e Medeia. No século XX, inspiraram-se nestes mitos Chico Buarque e Paulo Pontes, com o título de “Gota d’Água”, diferente em relação aos poetas clássicos citados, cujo título foi “Medeia”.

Conforme uma tradição, o pai de Jasão, Esão, teve o seu reino de Iolco, na Tessália, usurpado pelo seu irmão Pélias. Jasão cresceu ao lado do Centauro Quirão, o educador dos heróis, que o instruiu principalmente na iátrica, a arte de curar, conforme a raiz indo-europeia **eis-is-s*, *curar*, que é a base semântica do nome Jasão. Conta-se que Pélias, ao vê-lo, lembrou-se de um oráculo que o alertava de perigo, caso se defrontasse com um homem de uma só sandália, tal como se apresentou Jasão. Mesmo sem ter reconhecido o sobrinho, legítimo herdeiro do trono que ele, Pélias, ocupava. No diálogo, em que travou com Jasão perguntou ao jovem o que faria se alguém ameaçasse um reino. Jasão respondeu que o mandaria conquistar o velocino de ouro na Cólquida. Pélias, então, explicou-lhe que ele era esta ameaça; em seguida, o ajudou a realizar a Expedição dos Argonautas. O prêmio pela proeza seria o reino de Iolco.

Medeia, que significa *arquitetar um plano*, era uma princesa, filha de Eetes, rei da Cólquida, neta do deus Sol e sobrinha de Circe, a criadora de filtros e venenos, – foi quem transformou os homens de Ulisses em porcos. Como tema literário, de Eurípides a Sêneca, Medeia converteu-se numa maga. Se não fosse a proteção mágica dela, Jasão não conseguiria o velocino de ouro. Graças ao bálsamo dela, untado ao corpo e às armas de Jasão, o herói tornou-se invulnerável. Por isso, também com seu auxílio, superou os touros terríveis de Hefesto e os monstros nascidos dos dentes de um dragão. Ela adormeceu outro dragão que vigiava o velo de ouro e Jasão pôde pegar o precioso tesouro.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Escapou da perseguição de Eetes, porque Medeia tomou com refém o próprio irmão Apsirto. Despedaçou-o e espalhou os pedaços pelo caminho, o que atrasou a perseguição de Eetes ao casal fugitivo.

Todas as dificuldades encontradas em Iolco, na tentativa de recuperar o trono usurpado, foram superadas pelo auxílio de Medeia. Em seguida, o casal e os respectivos filhos, Feres e Mérmero, foram banidos de Iolco e passaram a viver em Corinto. No entanto, o rei de Corinto, Creonte, decidiu casar sua filha Glauce ou Creúsa com o herói dos Argonautas. E Jasão aceitou, mas para isso repudiou Medeia, que foi banida da cidade. Implorou apenas um dia para preparar a sua partida e obteve. A feiticeira da Cólquida arquitetou sua vingança neste ínterim, valendo-se da vaidade de Creúsa, enviou a ela certos atavios para adornar a sua noite de núpcias: lindo véu e uma coroa de ouro.

Ao dispor dos ornamentos, a princesa de Corinto foi tomada por um fogo misterioso que devorou-lhe as carnes e ossos. O rei Creonte, na ânsia de ajudá-la, se envolveu no incêndio e ambos, pai e filha, se transformaram num monte de cinzas. Pela versão de Eurípidés, Medeia ainda mata os próprios filhos para completar sua vingança contra Jasão.

1. A carta a Jasão

Publius Ovidius Naso, ou seja, Públio Ovídio Nasão, nasceu em Sulmona, em 43 a. C. Estudou em Roma, mas viajou e também estudou em Atenas. Cedo abandonou a carreira de advogado e tornou-se poeta. Contou entre seus amigos Horácio, Propércio e Tibulo. Chegou a conhecer Vergílio. Foi exilado e não se sabe bem a causa. O próprio poeta atribui a *carmen et error, a verso de poesia e erro*. Morreu no exílio.

Suas obras são: *Os Amores; Heroides; Arte de Amar; Os Remédios do Amor; Cosméticos para o Rosto* – que constituem a primeira fase a que é costume acrescentar o poema *A noz* e *Consolatio ad Livia, Consolação de Livia (ou Epicedium Drusi, Epicédio de Druso)*. Escreveu ainda *Medeia; Os Fastos; Tristes* – todas em dísticos elegíacos ou pentâmetro datílico; *Haliêutica* e *Metamorfoses*, em hexâmetro datílico.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Dístico elegíaco:

Dōnēc ē'rīs fē'līx, // mūl\tōs nūmē'rābīs ā\mīcōs;
Tēmpōrā \ sī fūē'rīnt // nūbīlā, \ sōlūs ē'rīs. (*Tristes*, I, 9-56)

Enquanto fores feliz, contarás muitos amigos,
Se o tempo ficar nublado, ficarás só.

O título dado a uma parte do poema a ser estudado era *Epistulae, Cartas*, porém, mais tarde foi denominado *Heroidum Epistulae, Cartas de Heroínas* – também é corrente o título *Heroides*, que se traduz por *Heroides* em português. Das vinte e uma cartas, dezessete são escritas por heroínas, três por heróis amantes: Paris, Leandro e Acôncio e uma por personagem histórico: Safo, poetisa grega.

Inspira-se Ovídio na Guerra de Troia, em Teseu, episódio dos Argonautas etc., temas tratados por poetas gregos ou romanos. Como comenta Junito Brandão (1975), "As *Heroides* não são propriamente cartas, como judiciosamente H. Bornecque, mas cada uma das cartas de que a obra é uma pequena tragédia de amor, cuja ação se passa na imaginação do leitor."

Em alguns códices, há uma introdução que transcrevemos a seguir:

*Exul inops contempta novo Medea marito
Dicit, an a regnis tempora nulla vacant?*

Desterrada, sem qualquer recurso, aviltada, eu Medeia escrevo ao marido que acaba de se afastar.

Acaso sobram alguns segundos dos teus afazeres de rei?

Destacaremos as seguintes passagens da carta *Medea Jasoni*, a número 12:

- (1) *At tibi Colchorum, memini, regina vacavi,
ars mea cum peteres ut tibi ferret opem!*
(...)
- (7) *Ei mihi! cur umquam iuvenalibus acta lacertis
Phrixeam petiit Pelias arbor ovem?*
(...)
- (29) *Accipit hospitio iuvenes Aeeta Pelasgos,
et premitis pictos corpora Graia toros.
tunc ego te vidi, tunc coepi scire, quid esses;
illa fuit mentis prima ruina meae.
et vidi et perii! nec notis ignibus arsi,
ardet ut ad magnos pinea taeda deos.*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- (35) *et formosus eras et me mea fata trahebant:
abstulerant oculi lumina nostra tui.
perfide, sensisti! quis enim bene celat amorem?
eminet indicio prodita flamma suo.
Dicitur interea tibi lex, ut dura ferorum*
- (40) *insolito premeres vomere colla boum.
Martis erant tauri plus quam per cornua saevi,
quorum terribilis spiritus ignis erat,
aere pedes solidi praetentaque naribus aera,
nigra per adflatus haec quoque facta suos.*
- (45) *semina praeterea populos genitura iuberis
spargere devota lata per arva manu,
qui peterent natis secum tua corpora telis:
illa est agricolae messis iniqua suo.
lumina custodis succumbere nescia somno*
- (50) *ultimus est aliqua decipere arte labor.
(...)*
- (173) *quos ego servavi, paelex amplectitur artus
et nostri fructus illa laboris habet.*
- (175) *Forsitan et, stultae dum te iactare maritae
quaeris et iniustus auribus apta loqui,
in faciem moresque meos nova crimina fingas.
rideat et vitiiis laeta sit illa meis.
rideat et Tyrio iaceat sublimis in ostro—*
- (180) *flebit et ardores vincet adusta meos.
dum ferrum flammaeque aderunt sucusque veneni,
hostis Medae nullus inultus erit.
Quod si forte preces praecordia ferrea tangunt,
nunc animis audi verba minora meis.*
- (185) *tam tibi sum supplex, quam tu mihi saepe fuisti,
nec moror ante tuos procubuisse pedes.
si tibi sum vilis, communis respice natos:
saeviet in partus dira noverca meos.
et nimium similes tibi sunt, et imagine tangor*
- (190) *et quotiens video, lumina nostra madent.
per superos oro, per avitae lumina flammae,
per meritum et natos, pignora nostra, duos,
redde torum, pro quo tot res insana reliqui!
(...)
Dos ubi sit, quaeris? campo numeravimus illo,*
- (200) *qui tibi laturo vellus arandus erat.
aureus ille aries villo spectabilis alto,
dos mea: "quam" dicam si tibi "redde," neges.
dos mea tu sospes, dos est mea Graia iuventus.
i nunc, Sisyphias, inprobe, confer opes.*
- (205) *quod vivis, quod habes nuptam socerumque potentes,
hoc ipsum, ingratus quod potes esse, meum est.
(...)
nescio quid certe mens mea maius agit.*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- (1) Mas para ti, Jasão, eu, a rainha da Cólquida, lembro-me,
Enquanto pedias, a minha arte administraria recursos para ti.
(...)
- (7) Pobre de mim! por que certo dia uma nave construída com o pinho
por músculos jovens e buscou o carneiro de Frixo?
(...)
- (29) Eetes deu hospitalidade aos jovens pelasgos
E vossos corpos gregos repousaram em leitos pintados.
Então eu te vi. Logo comecei a saber o que eras.
Esse foi o princípio de minha ruína.
Assim contemplei-te e sucumbi!
Inflamei-me com não conhecidas chamas
Como arde o pinho resinoso para os grandes deuses.
- (35) Tu eras belo e minha sina arrastava-me:
Os teus olhos eclipsaram os meus.
E tu, traidor, percebeste! Quem, pois, esconde o amor?
A chama produzida sobressai com seu indício!
Ordenou-se, entretanto, uma lei para ti, para que atrelasse
- (40) Com insólito arado o robusto pescoço de bois.
Os touros de Marte não eram mais terríveis do que estes cruéis
Dos quais a respiração exalava um fogo horrível,
Os cascos sólidos com o bronze e as narinas cobertas de bronze,
Eram denegridas pelas próprias respirações ígneas.
- (45) Serás obrigado, além disso, a plantar, com devota mão pelo largo
campo,
Sementes que brotarão povos,
Que te procurariam teu corpo com armas nascidas consigo mesmo:
Messe ingrata ao seu próprio agricultor.
O teu último trabalho consiste em burlar com alguma artimanha
- (50) A vigilância daquele que não pode ceder ao sono.
(...)
- (173) Uma concubina estreita em seus braços que eu salvei
E ela é quem aproveita os frutos do meu trabalho.
E tu, enquanto ficas enaltecido para estulta esposa,
Procuras falar ao perverso ouvido palavras agradáveis,
Talvez representes novos defeitos para minha formosura e meus há-
bitos.
Que ela ria e se rejubile dos meus vícios
Ria e se deite magnífica na púrpura de Tiro.
- (180) Ela vencerá meus ardores, mas chorará queimada.
Enquanto houver ferro, suco de planta e chamas,
O inimigo de Medeia não ficará impune, sem vingança.
Porque se as preces comovem entranhas do aço,
Ouví agora as palavras humildes vindo de minha alma.
- (185) Dirijo-me súplice a ti, como tu a mim muitas vezes o fizeste,
E não vacilo em ajoelhar-m e a teus pés
Se sou vil para ti, olha estas crianças, filhos de mim e de ti;

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- Uma cruel madrasta avançará contra os frutos de minhas entranhas.
São tão parecidos contigo! Comovo-me com tamanha semelhança.
(190) Todas as vezes que os vejo, encham-me os olhos de lágrimas.
Suplico-te pelos deuses superiores, pelos esplendores da luz dos meus antepassados;
Pelos benefícios feitos e por estas crianças, nossas dádivas,
Devolve-me o leite, eu, louca de amor, renunciei a tantos bens!
(...)
Perguntas onde está o dote? Nós dois relacionamos meu dote no campo
(200) Que deverias arar quando haverias de roubar o velocino.
Aquele difícil carneiro reluzente com lã dourada.
É meu dote: o qual, se dissesse a ti devolva, negarias.
Meu dote és tu são e salvo, é minha juventude helênica.
Vai agora, ó desonesto, compara as riquezas de Sísifo com as minhas.
(205) O que vives, o que tens: uma esposa e um sogro poderoso,
Isso mesmo, ingrato, o que podes ser, deves a mim.
(...)
(212) Sem dúvida algo muito terrível agita minha mente.

2. Conclusão

Eurípides noticia o incêndio, já que há ainda no poeta da Hélade algo de religioso. Com o desespero de Creúsa, também chamada de Glauce, em chamas, o pai, ao tentar ampará-la, pega fogo. Tudo é narrado por um mensageiro. Nada é mostrado à plateia. Nem podemos ver os filhos de Medeia no transe do sofrimento. Tudo ocorre em ato litúrgico.

Sêneca coloca diante dos nossos olhos o sofrimento dos filhos de Medeia, pelo menos o último a morrer. Também o palácio incendeia e, inclusive, teme-se pela cidade inteira.

Ovídio só abordou a ingratidão de Jasão, ou seja, a mágoa de Medeia. O poeta da *Arte de Amar* reuniu em seu poema fragmentos de suspiro de Medeia: uma carta de amor e só pensamento para Jasão; a dolorosa ausência; a indiferença à gratidão e à doação da própria alma dela... a angústia, cujo significado etimológico é aperto; daí o ciúme, a inquietude, o abandono... O dote seria o próprio Jasão, que ficou incólume: são e salvo, *dos mea tu sospes* (203).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Helena, o eterno feminino*. Petrópolis: 1991.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- CARDOSO, Sérgio *et alii*. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Schwarcz, 1989.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de símbolos*. Trad. Vera da C. e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1906.
- HUMBERT, J. *Histoire illustrée de la littérature latine: Précis methodique*. Paris: Didier, 1932.
- JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Tr. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: 1988.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Volume I Cultura Grega, II Cultura Latina. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- VERGNA, Walter. *Heroides: A concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.